



## PODER

Presidente reiterou indignação com a revogação dos vistos de oito ministros do STF e de Gonet, assim como a pressão de Trump

# Lula faz reunião de emergência

» WAL LIMA  
» RENATA GIRALDI

Marcelo Camargo/Agência Brasil



A orientação é que, na cúpula em defesa da democracia, o Brasil alerte os demais países sobre os riscos de também sofrerem retaliações

Em meio à crise com os Estados Unidos, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva convocou ontem, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, para uma reunião extraordinária, no Palácio da Alvorada. Eles trataram sobre o veto aos vistos do governo Donald Trump, ao ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e procurador-geral da República, Paulo Gonet, e a importância de o assunto ser tema da Cúpula de Alto Nível chamada de “Democracia Sempre”, em Santiago, no Chile. Participarão, além de Lula, os presidentes chileno, Gabriel Boric Font; do Uruguai, Yamandú Orsi; da Colômbia, Gustavo Petro; e o primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, a partir desta semana.

“Minha solidariedade e apoio aos ministros do Supremo Tribunal Federal atingidos por mais uma medida arbitrária e completamente sem fundamento do governo dos Estados Unidos. A interferência de um país no sistema de Justiça de outro é inaceitável e fere os princípios básicos do respeito e da soberania entre as nações”, reagiu Lula na rede X. Em seguida, o presidente acrescentou que esta “certo de que nenhum tipo de intimidação ou ameaça, de quem quer que seja, vai comprometer a mais importante missão dos poderes e instituições nacionais, que é atuar permanentemente na defesa e preservação do Estado Democrático de Direito”.

Lula embarca hoje para Santiago. Lá, ele pretende expor a situação do Brasil, esclarecer sobre os embates com Trump. O presidente

pretende detalhar os impactos da pressão dos Estados Unidos com a imposição à sobretaxação de 50% nos produtos brasileiros, além da última medida, que é a suspensão dos vistos para os ministros da Suprema Corte e do procurador-geral em retaliação aos julgamentos do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, anunciou a revogação dos vistos dos ministros, sem especificar nem citar nomes, mas com efeito imediato. “A caça às bruxas política do Ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, contra Jair

Bolsonaro criou um complexo de perseguição e censura tão abrangente, que não apenas viola os direitos básicos dos brasileiros, mas também se estende além das fronteiras do Brasil, atingindo os americanos”, disse o norte-americano.

### Retaliação

A medida imposta pelos Estados Unidos ocorreu horas após o ministro Alexandre de Moraes autorizar uma operação da Polícia Federal contra Bolsonaro. Nela, foram cumpridos dois mandatos de busca e apreensão e medidas

cautelares, além de colocada tornozeleira eletrônica no ex-presidente com a imposição de uma série de limitações. Ele está impedido de acessar redes sociais; terá de cumprir o recolhimento domiciliar das 19h às 6h; está proibido de se comunicar com embaixadores e diplomatas estrangeiros, nem com outros réus e o filho, o deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que está nos Estados Unidos.

A ministra das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, criticou duramente a decisão dos EUA contra os magistrados e Gonet. “Essa

retaliação agressiva e mesquinha a uma decisão do Tribunal expõe o nível degradante da conspiração de Jair Bolsonaro e seu filho Eduardo Bolsonaro contra o nosso país. Não se envergonham do vexame internacional que provocaram no desespero de escapar da Justiça e da punição pelos crimes que cometeram”, afirmou. “O Brasil está com a Justiça, não com os traidores. O Brasil é do povo brasileiro”.

O advogado-geral da União, Jorge Messias, também reagiu e ressaltou que há um atentado ao Estado Democrático. “A interferência de um país no sistema de

Justiça de outro é inaceitável e fere os princípios básicos do respeito e da soberania entre as nações. Estou certo de que nenhum tipo de intimidação ou ameaça, de quem quer que seja, vai comprometer a mais importante missão dos Poderes e instituições nacionais, que é atuar permanentemente na defesa e preservação do Estado Democrático de Direito”.

A Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR) saiu em defesa de Gonet. “É dever do Ministério Público atuar com independência, isenção e responsabilidade. O Poder Judiciário no Brasil atua igualmente de modo independente, em estrita observância ao Estado de Direito. Nenhum agente público destas instituições deve ser punido por cumprir sua função constitucional, muito menos por um outro país, em um claro desrespeito à soberania nacional e ao princípio da não intervenção”.

As discussões de amanhã, da qual participará Lula e os presidentes do Chile, do Uruguai e da Colômbia, além de Sánchez, da Espanha, estarão estruturadas em três eixos centrais: defesa da democracia e do multilateralismo; combate às desigualdades; e tecnologias digitais e o enfrentamento à desinformação. Os debates ocorrem no momento em que o espanhol é a principal voz na Europa de críticas aos Estados Unidos e a Israel, enquanto os demais também resistem às pressões.

A reunião faz parte dos desdobramentos de encontros, realizados em setembro de 2024, durante a 79ª Assembleia-Geral das Nações Unidas. Haverá uma segunda rodada de conversas antes da 80ª Semana de Alto Nível da Assembleia-Geral da ONU, em setembro.

## Brasil S/A



por Antonio Machado  
machado@cidadebiz.com.br

## Respeito não se pede

Enquanto os políticos e os governantes se distraem e nos distraem com as decisões extremas do presidente Donald Trump para manter os EUA como pivô global, ameaçada pela China, vamos perdendo a noção do que é relevante — um roteiro de prosperidade e poder cuja falta enfraquece a defesa de nossa autonomia no teatro da geopolítica.

Desenhando nosso papel na guerra armada por Trump contra o mundo: a fatia da economia no PIB global é da ordem de 1,9% — um cisco ao 5º maior país em área e o 7º mais populoso —, contra mais de 3% em 1980, quando China e Índia, atuais motores do dinamismo econômico e maiores alvos da Casa Branca, estavam atrás do Brasil, e EUA, Europa e a União Soviética, que nem existe mais, davam as cartas.

É isso que está na disputa reclamada por Trump para os EUA: quem corta e quem produz o baralho. Nesse jogo, estamos fora da mesa.

Entramos pelo desespero de Bolsonaro, ao enviar o filho Eduardo à corte trumpista para envenenar a relação com o STF, pela ansiedade de Lula em reaver o protagonismo em baixa, e a vontade de Trump em usar o apoio ao ex-presidente para mandar recado aos governos mais recalcitrantes do Brics aos seus desígnios. Indonésia, ex-líder do finado bloco dos não alinhados no tempo da guerra fria, já cedeu.

Existisse um programa transformador, cumprido com afinco acima de rixas ideológicas e de interesses mesquinhos das disputas de poder político, e estaríamos mais

preparados para não receber sanções, o significado da tarifa de 50% sobre nossas exportações aos EUA, nem admoestações por causa do processo contra Jair Bolsonaro e outras interferências reservadas a países arruinados economicamente.

Uma economia sem força em relação aos países cuja prosperidade se fez com a venda de manufaturados, sobretudo aos EUA, e puxada pela produção de commodities, entre grãos, carne, minérios e petróleo, o Brasil estava na linha inferior das tarifas impostas de maneira personalista por Trump, 10% — uma oneração genérica, que veio para ficar. O livre-comércio dificilmente terá sobrevida, tanto quanto a financeirização exacerbada da economia global.

### De problema à solução

Sem ser parte das cadeias produtivas de manufaturados exportados para os EUA nem produtor final de bens intensivos em tecnologia - as duas partes do esvaziamento industrial em curso nos EUA desde os anos 1970 pelas próprias empresas americanas -, o Brasil, como toda a América Latina exceto o México, não era alvo das atenções do gabinete de Trump. Poderia, ao contrário, ser parte da solução.

Ainda que ele faça das tarifas um instrumento de guerra política, a razão que o move tem raízes domésticas e visa forçar os capitais dos EUA a voltar com as suas fábricas terceirizadas para países da Ásia, China em especial, para criar empregos, rendas, e

## INGERÊNCIA DE TRUMP ABUSA DA FALTA DE UM ROTEIRO DE PROSPERIDADE E PODER QUE VEM DE LONGE NO BRASIL

energizar o antigo poderio econômico. Esse é o nexo do movimento MAGA, de Faça a América Grande Novamente. Ou entrega ou será sacrificado.

Complementarmente, também quer obrigar fabricantes com tecnologia própria e mercados globais do Japão, Coreia do Sul, Taiwan e mesmo China a investirem mais nos EUA, sem renunciar ao dólar. Esse é o preço que ele cobra para terem acesso ao mercado de capitais mais líquido do mundo e a um mercado consumidor de US\$ 350 bilhões/mês.

Tais referências deveriam estar em pauta pelos dois protagonistas centrais da disputa política no Brasil, em vez de se moverem mais em causa própria e de seus grupos que pelo interesse nacional.

Se algo tinham a oferecer, e nunca o fizeram ou se empenharam em construir seriamente, seria um programa de desenvolvimento, com a mobilidade social apensada, que espalhasse pelo país o espírito empreendedor e inovador da Embraer, da WEG, dos gigantes do agro e da engenharia de construção, minada pela Operação Lava-Jato.

Ainda há tempo para isso, mas certamente implicará renovação de nomes e uma ação mais inteligente de nossos partidos políticos.

### Realismo chinês é científico

Não se espere, no choque político em que acabamos inseridos muito mais por razões abjetas dos Bolsonaro, por um sinal de potências como a China e de governos europeus que vá além de gestos protocolares de solidariedade. Maior importador do país, a China é ator relevante tanto do problema como da solução global.

Mas a dinâmica chinesa tem sutilezas que parecem escapar a muitos estrategistas não só do Brasil. Sabe-se, por exemplo, que lá não há livre movimento de capitais e o renminbi é administrado para estar sempre depreciado em relação ao dólar. Secretário do Tesouro e negociador chefe com a China, Scott Bessent disse que, depois de algum entendimento, que está avançado segundo ambos os governos, a expectativa é trabalhar pela valorização do renminbi. Difícil...

Como diz Michael Pettis, professor de finanças da Universidade de Pequim, “com seu persistente excesso de produção e subconsumo, um renminbi revalorizado ajudaria a corrigir algumas das profundas distorções estruturais da economia chinesa”. O elogiado modelo de desenvolvimento chinês contraria o populismo latino, baseado no distributivismo mesmo que à custa do investimento e da produção.

Diz Pettis, o mais prestigiado estrangeiro próximo a quem decide em Pequim: “As famílias efetivamente subsidiaram a economia por meio de transferências implícitas e explícitas, com a supressão do crescimento

salarial, juros baixos, gastos excessivos em logística e uma moeda desvalorizada. Tais mecanismos funcionam da mesma maneira: transferem renda, direta ou indiretamente, das famílias para subsidiar o investimento e a indústria”. Mudar esse modelo, diz ele, “exigiria mudanças nas instituições políticas”.

### Um longo caminho até 2026

Vê-se que os ataques de Lula ao dólar e ao sistema de pagamentos das transações globais sob controle dos EUA, como disse na cúpula do Brics, são temerários. À China, ciente de que Trump tem trunfos, mas não tem a posse do baralho de cartas, interessa uma governança geopolítica em dois, um G-2, admitindo, para tanto, até que Trump anuncie algum dia que dobrou Xi Jinping e fechou um grande acordo.

A essa altura, convém tirar da frente a campanha eleitoral de 26 antecipada por Lula, firmar posição contra a intromissão dos EUA nas decisões do STF, e insistir em negociações apenas comerciais. Falta ao governo canais de acesso como os que tem Bolsonaro e não será pelos canais diplomáticos que se abrirá portas a Trump. Nem reunindo executivos de empresas brasileiras e americanas, já que falta a todos influência em Washington e essa agenda é política.

E aí? Deixar a agonia de Bolsonaro pra lá, ignorar os rompantes de Trump e apelar aos donos de capital, nem todos brasileiros, que de fato têm razões para atrair a atenção de Bessent, tido pela imprensa chinesa como uma “figura sofisticada” entre os radicais do entorno de Trump. Ou esperar e começar a planejar 2027...